

CONTRIBUIÇÃO AO CONHECIMENTO DA ECOLOGIA DA FLORESTA PLUVIAL TROPICAL E SUA CONSERVAÇÃO – 2

ROSE CLAIRE MARIA LAROCHE*

RESUMO: neste trabalho apresentamos informações dos diversos fatores naturais que atuam sobre as plantas, os grupamentos vegetais (sinúcias), generalidades e as formas de degradação das nossas florestas.

INTRODUÇÃO: a Floresta Pluvial Tropical, devido ao seu tipo de clima é exuberante e permanentemente verde. Não sofre um período de seca definida nem um inverno rigoroso. Está exposta as constantes massas de ar úmido vindo de sudeste, do oceano em direção ao continente, trazendo bastante vapor d'água. Barradas pela cordilheira do Mar, essas massas de ar se elevam, se esfriam e o vapor d'água aí existente se condensa caindo sob forma de chuvas.

Se desejamos conservar nossas Florestas, não temos outra maneira a não ser conhecê-las profundamente com seus tipos de formas de vida e principalmente o seu ambiente.

AMBIENTE: nossas pesquisas sobre A Ecologia e Conservação da Floresta Pluvial Tropical foram realizadas nas matas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que são de natureza Pluvial Tropical.

As matas do Jardim Botânico estão submetidas ao regime das chuvas. A pluviosidade caracteriza o clima por uma estação úmida alternada com uma estação sêca moderada sem qualquer alteração fisiológica. O fator umidade está condicionado pela pluviosidade. A existência destas matas depende das precipitações anuais. Muito importante é o consumo de água nestas matas. Elas recebem mais água do que é evaporada. O solo é profundo, relativamente compacto. Está enriquecido até as grandes profundidades pelos sais de ferro. É coberto na superfície por boas camadas de humus.

GRUPAMENTOS VEGETAIS (SINÚCIAS): a associação nas matas do Jardim Botânico é caracterizada por grupos de plantas, que correspondem ao conceito usual de "Sinúcia." Existem várias "Sinúcias" naquelas matas. Cada uma delas engloba espécies vegetais de semelhantes formas de vida e de iguais exigências ecológicas. As Sinúcias das

* Pesquisadora – Bolsista do CNPq, Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

árvores caracterizam-se por plantas de grande porte. As árvores mais altas têm uma copa reduzida ao topo. Seus ramos inferiores foram eliminados por causa do sombreamento. Isto é, devido à luta pela luz os ramos sombreados desaparecem em virtude do balanço negativo entre produção e consumo de materiais.

As palmeiras não desenvolvem ramificações. Em busca da luz elas formam estipes.

As lianas competem com as árvores para obter luz. Para conseguir iluminação tanto quanto as árvores elas desenvolvem raízes fixadoras ou gavinhas. Subindo sobre as plantas que lhes dão suporte elas crescem rapidamente e colocam suas copas acima das árvores.

A "Sinusia" arbustiva compreende além das palmeiras pequenas, plantas bastante ramificadas, que vivem à sombra dos estratos arbóreos.

As plantas herbáceas, embora exijam condições de vida com pouca luminosidade, são às vezes prejudicadas pelas plantas de grande porte. Motivo pelo qual preferem as clareiras ou outros locais onde possam melhor se desenvolver. Pertencem, ainda, a esta "Sinúsia" as plantas herbáceas que preferem locais muito sombrios.

GENERALIDADES DAS MATAS PLUVIAIS TROPICAIS: nas matas do Jardim Botânico as árvores não têm enraizamento profundo, no que diferem das árvores das formações secas como o Cerrado. As folhas são persistentes, não têm estrutura protetora contra a evaporação, apresentando geralmente uma textura fina e não coriácea, enquanto que no Cerrado as folhas tendem a cair em sua maior parte e espessar-se aumentando o grau de pilosidade.

Ainda que as matas tropicais do Jardim Botânico tenham o ambiente diferente das outras formações vegetais, certas espécies destas são representadas pelas espécies vicariantes naquelas. Assim, algumas espécies do Cerrado ocorrem nas matas do Jardim Botânico.

DEGRADAÇÃO DAS NOSSAS FLORESTAS: as florestas pluviais tropicais estão sujeitas à exploração e devastação desde a época da nossa colonização, devido à sua riqueza em essências florestais.

As derrubadas das matas em grande extensão representam uma ameaça para as florestas tropicais. Isto acarreta o problema da degradação. Uma floresta degradada pode evoluir para cerrado dependendo das condições de clima e solo, sem esperança de reconstituição espontânea. No Brasil algumas regiões de campos cerrados não constituem a vegetação natural do país (Laroche, 1977). Originam-se de florestas primitivas que foram destruídas ou mal utilizadas. Igualmente na África a grande região ocupada por savanas não constitui vegetação natural.

É preciso muito tempo para uma floresta bastante explorada reconstituir sua riqueza espontaneamente. É sabido que a regeneração natural de uma floresta se faz através da sucessão vegetal. Entretanto uma reconstituição em sua composição e estrutura original nunca se faz totalmente. Certas espécies que eram abundantes e preciosas na vegetação natural, desaparecem definitivamente (Laroche, op. cit.).

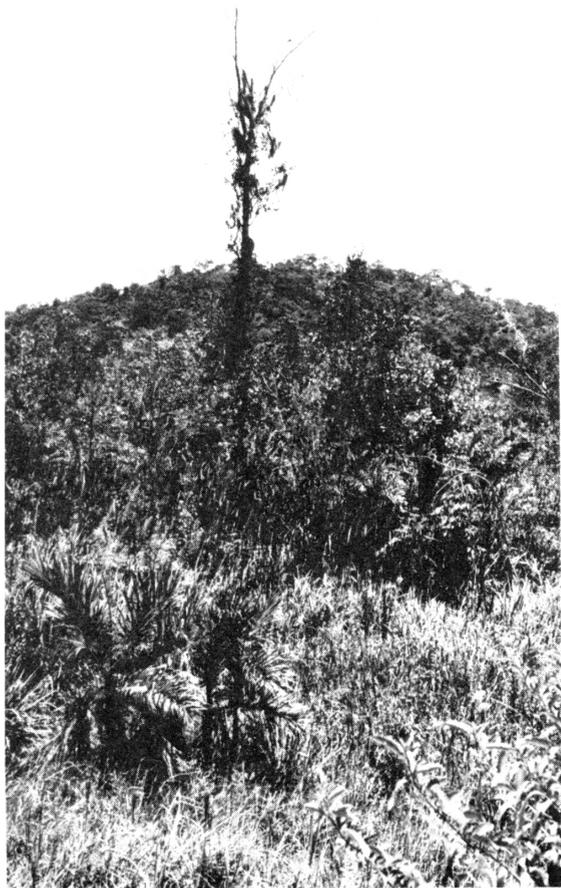
As matas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro que constituem uma vegetação secundária, apesar de apresentarem uma composição rica e variada, carecem de elementos vegetais necessários à comunidade biótica.

RÉSUMÉ: nous présentons dans ce travail des renseignements concernant les différents facteurs naturels qui jouent un rôle fondamental dans le comportement des plantes, les groupements végétaux (synusies), généralités et les formes de dégradation de la forêt tropicale.

AGRADECIMENTOS: agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, que patrocinou a realização deste trabalho, e ao botânico Carlos Toledo Rizzini pelo esclarecimento de algumas dúvidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

- AUBREVILLE, A., 1961. Étude Écologique des Principales Formations Végétales du Brésil. Nogent Sur Marne (Seine) Centre Technique Forestier Tropical 268p.
- BLANQUET, J. B., 1950. Sociologia Vegetal 444p.. Buenos Aires.
- COUTINHO, L. M., 1962. Contribuição ao Conhecimento da Ecologia da Mata Pluvial Tropical. Bol. Fac. Fil. Cienc. Letr. Univ. São Paulo 18:220p.
- DANSEREAU, P., 1947. Notas sobre a Biogeografia de uma parte da Serra do Mar. Rev. Bras. de Geog. nº 4: 497 – 520. IBGE.
- LAROCHE, R. C., 1977. Uso Racionalizado dos Recursos Florestais e sua Produtividade. Rodriguésia 43. Rio de Janeiro.
- RIZZINI, C. T. e HERINGER, E. P., 1962. Preliminares Acerca das Formações Vegetais e do Reflorestamento no Brasil Central. 79p. M. A.. S.I.A. Rio de Janeiro.
- SCHNELL, R., 1971. Phytogeographie des Pays Tropicaux. Vol. 1 e 2. Paris



Floresta em fase de regeneração (mata secundária).